

Paulo Freire

FALA DE EDUCAÇÃO POPULAR NA ESCOLA PÚBLICA

Eunice C. Marangon



"A educação popular é aquela prática que está a serviço das classes sociais dominadas, com vistas à transformação da realidade para eliminar a injustiça social" disse Paulo Freire a um plenarinho da Assembleia Legislativa lotado de educadores, tanto do PI como de outros Partidos, no sábado, 30 de agosto.

A partir desse conceito, o respeitado educador explicou, refletindo, conjunta e serenamente, com os presentes, que a educação popular é, pois, de fácil entendimento para um professor progressista e de difícil compreensão para um professor reacionário.

Explica, com simplicidade e clareza, que a escola, como subsistema, expressa os interesses políticos e ideológicos do poder dominante e que nesse sentido os conteúdos não poderiam ser neutros, reafirmando sempre que a educação é um ato político e exige um posicionamento do educador. Disse também que os mecanismos de controle dominantes, modernamente, tem sido eficientes, não aparentando a repressão que realmente exercem. Deixou claro aos presentes o quanto é mais fácil e cômodo para um professor reproduzir a ideologia dominante do que contestá-la. Entende, no entanto que é preciso, que o professor progressista assuma a responsabilidade de ocupar os espaços institucionais dentro da escola, denunciando e anunciando uma nova postura.

Mesmo que conviva no professor uma ambiguidade, devido às dificuldades para uma prática efetivamente progressista, deve ele ter a clareza de que se for esperar para atuar quando a transformação ocorra, esta transformação não ocorrerá.

Nesse sentido, reforçou como dado fundamental a competência técnica e científica do professor (ele deve ensinar e bem) para inclusive não comprometer a competência política que o professor progressista deve, necessariamente, ter. Exemplificou que um professor de Biologia deve dar Biologia e não política na sua aula. Mas deve politizar a Biologia (o que? como? a quem serve o ensino de Biologia?).

Paulo Freire considerou, em síntese, que o educador progressista pode escolher o seu espaço dentro ou fora das escolas, para demonstrar a sua postura comprome-

tida. Pode escolher, portanto, atuar prioritariamente nos sindicatos, associações, etc. Ou dentro da escola pública. Com as contradições e avanços que isso acarrete

Foi esse o rumo básico das idéias discutidas por esse educador que amamos pelas suas idéias e pela sua belíssima figura humana.

PAULO FREIRE E OS ORIENTADORES

Que leitura fazemos das idéias de Paulo Freire para a prática do Orientador Educacional com postura progressista que vimos reforçada no último Congresso da FENOE?

Arriscaria dizer, como ponto de partida para discutirmos juntos, nas escolas, nos núcleos, na Associação, que Paulo Freire nos desafia a uma postura diferente daquela que fomos convidados a assumir ao longo da História da Orientação Educacional. Uma postura comprometida com as necessidades da maioria do povo brasileiro, e não com a proposta das classes dominantes, que inclusive nos convidaram, em 1982, a fazermos parte, como FENOE, do conselho Nacional de Censura.

Nossa história cotidiana de insatisfações com os fichários, burocracias, falta de valorização e crédito da Orientação dentro das escolas, embora tenhamos sido tecnicamente competentes, nos leva a refletirmos seriamente sobre o porque desta falta de valorização. Paulo Freire nos aponta uma pista importante, que é também a necessidade de competência política, necessária aos educadores progressistas.

E, segundo ele, a questão não passaria por fazer política em vez de Orientação. Mas por politizar a nossa prática de orientadores educacionais. Isto é: ampliarmos o ângulo de visão de como, porque, em que contexto estão situadas as questões que tradicionalmente temos tratado, na escola: a orientação vocacional, a informação profissional, a educação sexual, a questão das drogas...

Nessa tarefa, definiremos a nossa opção político-pedagógica, pois a mensagem desse educador é clara: não existe educação neutra. Ela é sempre um ato político. Ela é sempre comprometida.

E para termos elementos para colocar em prática esse compromisso, será necessário que ouçamos a comunidade escolar sobre a realidade, a vida concreta de nosso aluno e nos proponhamos a abraçar, com os supervisores, o corpo docente, os pais, a direção, a construção de um currículo significativo e de qualidade para os nossos alunos.

Não seria real pensar que essa mudança na nossa prática seja fácil, ou esteja pronta ou acabada. A nova prática do orientador progressista está sendo construída, e passará, inevitavelmente, pelas dificuldades comuns às mudanças a que Paulo Freire se refere: os conflitos e as ambiguidades ao longo da caminhada. Que, entendemos, serão superadas, no cotidiano por uma postura firme, de reavaliação constante e de solidariedade.